

A FOLHA

ANO I - Nova Iguaçu, 28 de Janeiro de 1973 - N.º 34

LEIA NA PAGINA 2:

IMAGEM DA GRANDE SOLITUDE

Juntamente com este número de nosso semanário, é distribuído gratuitamente o número 28.º do «4.º DIA».

Sermão já era?

Na sinagoga de Cafarnaum, o povo ficou admirado com as palavras de Jesus, porque ele falava como quem tem autoridade e não como os escribas. Estes deviam falar só para cumprir uma obrigação marcada, talvez sem muita fé e seriedade. O povo notou logo que Cristo não estava cumprindo uma rotina. Deixando o passado e entrando em nossa realidade, todos os domingos há missas em todas as Igrejas. No interior, o povo ainda vai; aqui na Baixada, apenas uma mínima minoria, calculadamente 1,5 por cento. Em todas as missas dominicais, há a pregação, que é tida como a parte mais desagradável da missa. Duas perguntas: 1 - O povo do interior, pelo fato de ainda frequentar em massa os atos da Igreja, será melhor do que o nosso povo da Baixada que quase não frequenta mais? 2 - Por que será que a palavra da Igreja vem perdendo a autoridade e vem cada vez mais sendo recebida como uma palavra qualquer?

Vamos abordar a segunda pergunta e tentar nos aproximar da resposta. Naturalmente não há aqui nenhuma intenção de infalibilidade nem mesmo de resposta definitiva. Talvez até que a nossa abordagem seja parcial e incompleta; em todo caso, é mais ajuda para a reflexão. A seguir enumeraremos motivos pelos quais julgamos que a palavra da Igreja perdeu e vem perdendo credibilidade. Quando nos referimos a Igreja, não estamos pensando no corpo de verdades revelado por Deus, mas em como estas verdades estão sendo transmitidas no dia a dia de nossas paróquias. Passemos às possíveis causas:

- 1 - Entendimento da verdade como um corpo já completo de doutrinas.
- 2 - Presunção de infalibilidade na pregação.
- 3 - Entendimento da verdade como trânsito pelo mundo das afirmações abstratas.
- 4 - A busca da fonte da verdade no passado e o não reconhecimento do hoje como fonte da verdade.
- 5 - Verdade como algo que se relaciona com o que há de vir e não com o que é.
- 6 - Verdade do Deus se revelando no passado e não também nos fatos de hoje.
- 7 - Verdade como coleção de verdades em concorrência com outras coleções de verdades.
- 8 - Verdade como efeito vindo de fora, através de ritos, e não verdade vindo de dentro através do crescimento pessoal.
- 9 - Verdade como determinado momento passageiro da história humana.
- 10 - Verdade como desinteresse pelas coisas «materiais» dum mundo «material».
- 11 - Verdades que estão agrupando pessoas e não fazendo pessoas.
- 12 - Verdades sobre questões que não se pode provar e que não estão interessando à problemática da hoje.

E podia-se alinhar indefinidamente outros fatores que estão presentes muitas vezes na maneira como é transmitida a palavra da Igreja. Geralmente as definições de verdade estão mais no lado das afirmações abstratas. Mas o que vale não é salvar a definição de homem, mas salvar o homem, todos os Joões e Josés que estão por aí, espalhados pela vida. Deus deve estar querendo muito mais que se defendam estes Josés e Joões do que as filigranas teológicas. Não há dúvida: há um caminho para recuperar a credibilidade da pregação da Igreja: pouco frequentado, porque «arriscado».

DOIS MIL ANOS E AINDA JOVEM?

O escritor grego Nikos Kazantzakis conta a seguinte história, em romance famoso: Uma aldeia cristã ortodoxa da ilha de Chipre se prepara para representar os episódios da paixão e morte de Cristo. Os papéis são distribuídos entre o pessoal. Dois jovens da pequena burguesia local são escolhidos pelo Conselho da aldeia para representar Jesus Cristo e o apóstolo João. Todos estudam e decoram as palavras, levando a coisa muito a sério. Entroando-se no script, os dois rapazes vão adquirindo uma seriedade que não era deles: as personalidades de Jesus e de João transformaram a sua vida e eles começam não só a decorar mas a viver os seus papéis.

Chega a Grande Semana da representação. O que foi que se viu? De repente surgiram na aldeia centenas de refugiados de uma ilha vizinha invadida pelos turcos. A leva de forasteiros veio atrapalhar a festa. Logo agora, que a aldeia ia entrar após meses de preparação, nos grandes dias do seu calendário social! Reuniu-se o Conselho da aldeia. Decisão: expulsar os forasteiros que estavam atrapalhando. Quando a decisão foi proclamada, os jovens dos papéis de Jesus e João protestaram, puseram-se ao lado dos refugiados e assumiram uma série de atitudes e ações que os levaram até a morte violenta. Os refugiados tiveram que ser expulsos para dar lugar aos festejos.

E a parábola de Kazantzakis nos leva a reflexão sobre a juventude da Igreja. Nos melhores momentos da sua definição a Igreja é a expressão da juventude perene. Muito do conflito das gerações nasce da ausência desse traço, no retrato que fazemos da nossa Igreja. Como os jovens estão sempre crescendo na direção da sua plenitude existencial, a Igreja nunca está pronta ou deixa de crescer. Quando ela deixa de crescer, passa a representar o papel de Conselho da aldeia. A Igreja de Cristo é jovem, no sentido de ser a expressão perene dos valores juvenis: otimismo, entusiasmo e desinstalação. Olhando para a frente, ela não vê em seu caminho nada que valha a pena parar e não voltar mais.

Quero até dizer que Igreja é sinônimo de juventude: um processo de constante transição de formas velhas e ultrapassadas para formas sem, pre novas. Não é que as formas hoje chamadas «novas» sejam a meta finalmente encontrada. Também as formas novas de hoje são outras coisas de mão de quem está passando e vai em frente. A estagnação é o estado biológico normal de quem envelheceu: estagnação física e psicológica. A juventude da Igreja é sempre evolução e crescimento de quem ainda não encontrou a forma definitiva. A Igreja é «juventude» no sentido de não ter ainda o que ter para si e defender contra os outros.

A juventude vê ainda a vida pela frente e espera no futuro. A juventude ama as realidades que unem os homens, por exemplo: a música e a alegria. Quando envelhece (e juventude nem de longe se conta pelo número dos anos vividos) tende a reter formas meramente humanas, como compensação psicológica pela vida que se lhe esvai: então que a Igreja acha mais confortável a representação tranquila e costumeira do teatro da paixão de Cristo do que escutar o Cristo chegando para defender os indefesos. Se a gente olhar bem, o drama escrito pelo romancista grego está acontecendo todos os dias, ao redor de nós.

A LUA VALEU A PENA?

Os astronautas da última missão Apollo estão de volta. Os seus vôos espaciais entraram definitivamente para a história. Apontando os céus da Flórida, estão ociosos os imensos esqueletos das plataformas de lançamento. Na lua, ficaram bandeiras da terra e, na terra estão fragmentos da lua. Após terem se afastado da terra e a contemplado de longe, de dentro da imensa ordem sideral, os astronautas voltaram «outros homens», com uma fome nova de algo grandioso que dê sentido a suas vidas. Parece que, em vez de satisfazer a curiosidade os viagens espaciais despertaram uma curiosidade maior. Uma vez mais foi comprovada a inquietação permanente do coração humano. Depois de tudo, os astronautas ficaram querendo algo mais.

E na terra, o que ficou? A velha inquietação das guerras, das desordens econômicas, de toda espécie de problemas sociais que faz do nosso mundo o planeta infeliz. Ante tantos problemas resolvíveis, que estão perto de nós, seria lícito gastar as somas verdadeiramente astronômicas para trazer algumas pedrinhas da lua? Creia que a falta de consciência de prioridade ou a falta de coragem para obedecer às prioridades é uma das maiores causadoras de mal no mundo. Se uma sociedade não tem prioridades ou se as suas prioridades não estão de acordo com a ordem natural, todos os progressos conseguidos em tal contexto talvez venham para tornar mais infeliz ainda o nosso planeta.

Para ajudar na reflexão, transcrevemos duas cartas cartas que leitores enviaram à redação da revista Time, a respeito das vôos orbitais: 1. «Achel chocante a leitura da Sua reportagem: 'Apollo 17 - missão lunar de despedida'. O destino do homem envolve a procura de verdade. Qual pode ser o destino de uma nação que possui os meios para continuar a busca de conhecimento maior, através da exploração do espaço, e não o faz por causa da sua aparente falta de espírito? Tal nação poderia ser condenada a uma existência... na qual o homem tornou-se tão preocupado com suas necessidades pessoais, que a busca de conhecimento leva apenas ao incremento das satisfações imediatas?»

2. «Devo confessar que fui um desses 'prisioneiros de curta visão', aos quais vocês se referiram na seção especial sobre o espaço. Agora compreendo que a ciência determinou que a idade da lua é 4,5 bilhões de anos e que custou apenas 30 bilhões de dólares para descobrir esta estatística. Eu e minha família decidimos ir adiante: No próximo ano, quando então a lua terá 4,5 bilhões e um ano, faremos uma festinha de aniversário. Vocês estão convidados. Estão convidadas também todas as crias com defeitos de nascença, leucemia, retardo mental etc que podiam ter sido ajudadas com esses 30 bilhões. Faremos um bolo de queijo muito grande, com 4,5 bilhões e uma vela e uma bandeira americana no centro».

Qual das duas pessoas que mandaram a sua opinião para a revista estaria com a verdade? Poder-se-ia dizer que era as duas e era fácil arranjar argumentos para ambas as posições. Mas a pergunta fica: Qual das duas estaria com a verdade mais próxima e mais necessária?

IMAGEM DA GRANDE SOLITUDE

1 Balzaquiana e religiosa, mas muito mesmo, D. Marly acredita em todas nossas senhoras, principalmente em N. Sra. da Cabeça. Acredita em lemanjã. Acredita em pretos e pretas velhas. Em todos os santantônios e santantoninhos. Em negrinhos do pastoreio... Outro dia... Ela conta a graça impossível que recebeu e arremata: "Eu topo tudo quanto é santo, entende? Nesses negócios do outro mundo, quanto mais, melhor. Depois... nunca se sabe. Eu, hem?" Sobretudo agora quando tenta começar a vida definitivamente. Sim, de-fi-ni-ti-va-men-te!

2 Promessa: acender 9 velas (meia libra) em 9 noites seguidas. Conteúdo: Loteria esportiva. Ou um marido "prá encerrar minha terrível solidude"... E toca a rezar, e queimar vela. Velas trêmulas. Rezas de esperança quase desespero. Última lona, hem? "Minhas todas nossas senhoras, minha santinha querida N. Sra. da Cabeça, minha poderosa lemanjã, meus santos pretos e pretas velhos e novos, meus todos santantônios e santantoninhos, meus santos neguinhos do pastoreio todos os santos de todos os altares de todos os templos da terra inteira... me concedam... etc."

3 Mais reza. Mais cera. Enfim, no sol a pino, crestante, os dois se topam. Acaso! Não: táxi. Eu! Eu! O motorista fareja: a bonitona ou o boa pinta? E harmoniza: "Zona Suli? Vossas inslências não gustariam... nestz calor..." Gostam, gostam. Se olham. Se mandam. Se entendem. Meu Deus, que pressa! Que graça rápida! Saiu nos "Diversos": "A todos os santantônios e santantoninhos, a todos as nossas senhoras, mui particularmente N. Sra. da Cabeça, a todos os orixás e lemanjãs... etc. agradecem Marly e Thiago". Respiração tranquila. (A.H)

PALMAS, QUE ELA MERECE!

"O exame de um produto típico da TV - os programas de auditório, com suas variantes "joviais" (Sílvia Santos), "grotescas" (Chacrinha) ou "respeitáveis" (Flávio Cavalcanti) - permite entender melhor como agem e a que visam os mecanismos ilusórios. Os programas de auditório constituem invariavelmente rituais organizados, de idêntica estrutura. Construídos como um jogo de regras fixas, sua previsibilidade é absoluta. Embora a platéia - e os espectadores em casa - penssem e sintam exatamente o contrário, não há nesses espetáculos lugar para o inesperado, para a surpresa, para as condutas espontâneas - enfim para tudo que possa criar tensões ou conflitos verdadeiros. Essa porém é apenas a primeira ilusão, que articula o conjunto inteiro.

Pois toda a situação é estimulada do começo ao fim. Uma série de recursos manejados pelas equipes de produção e pelos apresentadores dão aos indivíduos na platéia - e por tabela, aos que assistem de longe - exatamente o que lhes falta na vida de todos os dias: a oportunidade de participar, associar-se e julgar. De seres isolados, com escasso índice de envolvimento social e econômico, para não dizer político, eles são transformados em público, uma coletividade voltada para o cumprimento de uma tarefa comum, livremente aceita (não por acaso Sílvia Santos chama suas fãs de "colegas de trabalho"), com pleno direito de exprimir sentimentos e opiniões.

De fato, à medida que aplaudem ou vaiam, as pessoas sentem-se ativas; à medida que são chamadas a escolher - e essa escolha aparentemente é levada em conta - sentem-se impor-

tantes; à medida que formam partidos a favor ou contra, definindo coletivamente identificações e oposições, sentem-se integradas. Na pseudo-participação dos indivíduos, na pseudo-valoração e na pseudo-solidariedade de les arrancada, é que está a fraude de tais programas - e não na ausência de padrões estéticos dignos desse nome, nem na insistência com que o apresentador recorre, com maior ou menor disfarce, às situações equívocas ou aos ditos maliciosos. Mas essa fraude não é uma disfunção da TV, um desvio de linha corrigível por críticas indignadas ou pela intervenção oficial. É uma dimensão inerente ao papel social que a TV exerce entre nós"...

Aí está o trecho de uma reportagem sobre a nossa TV, que saiu no semanário Opinião. Muito bem observado: o mal que a TV faz é muito menos aos chamados bons costumes do que às pessoas e às comunidades, no seu caminho para a libertação e para a personalidade. O instinto comercial lucrista é tão forte, tão amoral e tão tecnicamente preparado que força a história a seguir o caminho contrário da própria história: a alienação, a capitulação e o regresso, num caminho que deveria levar à liberdade, na posse de si mesmo. Um bem enorme, como seja a possibilidade de comunicação direta, de pessoa a pessoa, e usado para nivelar, despersonalizar e transformar os espectadores em "porções" consumidores. Agora está nas suas mãos responder se você se realiza como ser humano, em todas as direções, só consumindo e circulando nas esferas dos seus ídolos de pés de barro.

A QUE SE DIZ IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA

A FOLHA: O que é que o sr. pensa da Igreja Católica Brasileira?

D. ADRIANO: Se a Igreja Católica Brasileira fosse uma instituição séria, eu pensaria dela o que penso de outras formas de Religião: merecem respeito. Infelizmente o que acontece com a Igreja Católica Brasileira é bem diverso. A fundação do ex-bispo de Moura nos anos 40, pouca expressão tem. Daí a proliferação de grupos marginais que se apresentam como "ordens", "congregações", "mosteiros", "abadias", com personalidade jurídica própria e os inúmeros marginais que com o nome de "arcebispos", "bispos", "monsenhores", "cônegos", "padres" etc exploram a ignorância religiosa do povo.

Se houvesse de fato uma Igreja Católica Brasileira, deveria ter vindo a público para desautorizar a atuação de tantos indivíduos que se dizem padres dessa "Igreja". Aqui na Baixada Fluminense atuam de preferência nas áreas desocupadas, sempre concorrendo por debaixo do pano com a Igreja Católica. Por debaixo do pano? Facilitam tudo aos "fiéis" - estes fiéis que só procuram as formas mágicas da religião católica. Por dinheiro realizam as mais incríveis acrobacias religiosas, inclusive divórcio, missas de todos os tipos (inclusive nos terreiros de Umbanda).

A maioria desses falsos padres não tem sequer o curso primário completo. De teologia ou filosofia nenhum grão. Quase todos foram seminaristas menores fracassados ou candidatos a irmão

leigo demitidos, alguns funcionaram de coroinha ou sacristão. O denominador comum, além da ignorância, é a exploração malévola da religiosidade popular e a desonestidade.

Vários dos "bispos" me procuraram a pretexto de uma volta a Igreja Católica. Sempre os tomei a sério, recebi-os com delicadeza, tentei encaminhar o processo. Nunca o negócio deu certo porque de fato não querem abrir mão do "sistema" de exploração que adotaram. Há mais: constantemente me chegam queixas de pessoas enganadas e exploradas por esses indivíduos, como se eles fossem da Igreja Católica e dependessem de minha autoridade.

Sem qualquer hesitação baseio-me na experiência desses meus 6 anos de Baixada Fluminense e na experiência de muitas outras pessoas responsáveis para dizer que as atividades desses marginais - não são outra coisa - equivalem a verdadeiros casos de polícia. A polícia age em certas ocasiões, como aliás a imprensa registra de vez em quando, as mais das vezes no entanto o "crime" não se deixa qualificar com clareza. E na base dessa obscuridade vão eles cometendo impunemente sua sequência de negócios obscuros. Oportunamente espero fazer um levantamento de todos esse falsos bispos e padres que atuam no território da diocese de Nova Iguaçu. Para conhecimento dos que são explorados de boa fé.

1. ACOLHIDA

O evangelho de hoje conta que o pessoal ficou impressionado com Jesus: "Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas". Nas últimas semanas, os acontecimentos que mais despertaram preocupação e reações entre os povos foram os bombardeios no Vietnam. Houve mais vítimas da guerra no Vietnam em 1972 do que em qualquer dos anos anteriores: dois milhões de sul-vietnamitas se tornaram refugiados, as baixas civis totalizaram pelos menos 200 mil pessoas, um quarto dessas baixas eram crianças de até 12 anos e mais da metade eram mulheres e crianças. Os bombardeios criminosos provocaram protestos revoltados dos mais diversos setores da vida internacional. O que impressiona é que a onda mais forte de protestos partiu de órgãos e países que nada têm a ver com a igreja e são até considerados mais ou menos pagãos, pois não se alinham em determinada confissão religiosa. Pela boca desses pagãos falou a voz da boa consciência humana ou, noutras palavras, Deus está se revelando na história por meio de profetas que não pertencem necessariamente ao nosso grupo. Deus faz surgir os seus profetas onde quer. E as suas palavras têm autoridade porque não são fruto de interesses pessoais ou grupais, mas inquietação ativa com a destruição de tudo aquilo que se pode chamar de espírito. Reflitamos hoje: O que adianta fazer parte do "maior país católico do mundo" se talvez até ao nosso lado há a mais tranquila compactuação com as situações geradoras de injustiças? A missão da igreja é inquirir-se, para que a sua palavra não perca a autoridade.

2. ATO PENITENCIAL

No evangelho, presenciamos Jesus expulsar um mau espírito. Coisas do passado? Paremos na banca e bastam as manchetes: crimes, crimes e crimes no meio de um povo que batiza todos os seus filhos. Se o mau espírito é aquele demônio de chifres das imaginações infantis é questão totalmente idiota. A realidade é que o mau espírito está no meio de nós e a sua presença se faz notar todos os dias pelos efeitos. Façamos agora a nossa reflexão: Será que, em nossa família, o mau espírito não nos está levando a bombardear a liberdade e o crescimento dos filhos, da esposa, do esposo, dos familiares? Ou será que estamos consentindo que os outros bombardeiem nossos direitos.

- Se as maldades que acontecem ao nosso lado nos levam a refugiar-nos com maior insistência na busca de uma "salvação" pessoal, Senhor, tende piedade de nós.

- Se insistimos em entender o Reino de Cristo como um "chamado" que nos separou dos problemas e da sorte de todos os homens, nossos irmãos, Cristo, tende piedade de nós.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DA MISSA DOMINICAL

28 de janeiro de 1973

- Pelas nossas atitudes inseguras e egoístas que estão inibindo o desenvolvimento e a liberdade das pessoas que convivem conosco, Senhor, tende piedade de nós.

3. GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS

Glória a Deus.....

4. ORAÇÃO

Senhor, nosso Deus, escutamos as palavras do vosso Filho, que falava com autoridade. Estamos professando a fé de que é a igreja do vosso Filho quem fala hoje a vossa palavra. Nós pedimos que esta igreja não se deixe prender por nada, para expressar a sua palavra de autoridade. Que a igreja local, a nossa comunidade, também não entenda a palavra do vosso Filho como caminho de alienação mas programa de construção do vosso Reino entre nós.

5. I. LEITURA

Deus faz surgir entre nós os profetas, que falam a sua palavra; estes profetas que estão surgindo entre nós são os agentes de pastoral.

Deut 18, 15-40 - "Com estas palavras Moisés dirigiu-se ao seu povo: "O Senhor teu Deus fará surgir no meio de ti, entre os teus irmãos, um profeta igual a mim: tu tens de escutá-lo. Foi isso que pediste ao Senhor teu Deus em Horeb, no dia da reunião, quando falaste assim: "Que eu não torne a ouvir a voz do Senhor meu Deus; que eu não veja mais este grande fogo, para não morrer!" E o Senhor me disse: "Fizeram bem em falar assim. Farei surgir dentre seus irmãos um profeta como tu e porei as minhas palavras em sua boca e ele comunicará ao povo tudo o que tiver para lhe comunicar. Aquele que não ouvir as minhas palavras, as palavras que ele disser em meu nome, terá de prestar contas a mim. Mas o profeta que tiver a ousadia de dizer em meu nome o que não ordenei ou falar em nome de outros deuses, tal profeta há de morrer". - Palavra do Senhor.

6. SALMO

Aclamemos ao Senhor, nossa salvação!

1. Vinde, exultemos de alegria no Senhor, / aclamemos nosso rochedo e salvação. / Vamos ao seu encontro com ação de graças / e o aclamemos ao som do nosso canto.

2. Entrai, inclinai-vos e prostrai-vos: / adoremos o Senhor que nos criou. / Ele é o nosso Deus: somos o povo por ele conduzido, / o rebanho guiado por seu

pastor.

7. II. LEITURA

O apóstolo Paulo responde a consultas sobre problemas conjugais do momento, na comunidade de Corinto.

1 Cor 7, 32-35 - "Irmãos, pelo meu gosto vocês viviam sem preocupações. Aquele que não está casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor. Aquele que está casado cuida das coisas deste mundo, de como agradar à mulher e por isso está dividido. A mulher que não está casada, assim como a moça solteira, cuida das coisas do Senhor, para ser santa de corpo e alma. Pelo contrário, a mulher que se casou anda preocupada com as coisas do mundo e procura agradar ao marido. Falo assim para a vantagem de vocês e não para lhes oferecer uma armadilha; quero aconselhar ao que é mais digno para os unir integralmente ao Senhor". - Palavra do Senhor.

8. ACLAMAÇÃO

Aleluia, aleluia, aleluia.

"O povo que caminhava na escuridão / viu um grande clarão, / sobre os que habitavam na região das trevas / começou a brilhar a luz".

9. III. LEITURA

O povo ficou impressionado, porque Jesus falava como quem tem autoridade; a autoridade da igreja depende da sinceridade de nossas palavras.

Mc 1, 21-28 - "Num dia de sábado, Jesus entrou na sinagoga de Cafarnaum e começou a ensinar. Todos se maravilhavam com a sua doutrina, pois ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. Então um homem, possuído de espírito imundo, começou a gritar: "Jesus de Nazaré, quer deixar a gente em paz? Você veio atrapalhar os nossos planos? Sei quem você é: o enviado de Deus!" Mas Jesus ordenou: "Cala a boca e sai deste homem!" O espírito imundo fez o homem estremecer e saiu com grande alarido. O pessoal ficou estupefato e perguntava: "O que é que está acontecendo? Uma nova doutrina! E o homem fala com autoridade! Manda até nos espíritos imundos e eles obedecem!" E a sua fama correu logo por toda parte, em todas as regiões da Galiléia". - Palavra da salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

Creio em Deus Pai....

11. ORAÇÃO DOS FIÉIS

Em espírito de uma só família que está reunida na presença de seu Pai, elevemos agora os nossos pedidos. A finalidade de nossa oração não é entregar a Deus a ação que transforma o mundo e ficar apenas esperando por ele. O mau espírito está presente por causa da nossa omissão ou como habitante de fantasias re-

ligiosas pessoais que em nada talvez estejam transformando. Também a nossa oração é tomada de consciência, para assumirmos o trabalho.

— Pela igreja que somos nós, para que tomemos consciência da presença das consequências do pecado em nosso meio e não nos conformemos com elas, rezemos ao Senhor.

— Pela igreja que somos nós, para que entendamos autoridade não como prepotência mas ocasião de servir e ajudar os outros a serem mais livres, rezemos ao Senhor.

— Para que em nossas famílias não reine o mau espírito da falta de amor que torna infeliz o ambiente do lar, mas haja amizade em que todos se sintam alegres, rezemos ao Senhor.

— Pelas autoridades da Igreja, para que entendam o seu cargo como responsabili-

PARA A SUA REFLEXÃO:

CASAR OU NÃO CASAR?

Já temos refletido em nossa Folha sobre a sexualidade e chegamos à conclusão que sexo é uma aptidão humana como qualquer outra. Moralmente indiferente em si, como todas as outras chamadas "paixões", a sexualidade pode ser exercida para o bem ou para o mal: exercida de uma maneira, ela também são passos dados na direção de um mundo ou do Reino de Deus, tanto faz. Abusada ou banalizada, ela são passos escada abaixo, para os porões escuros da animalidade, onde estão menos presentes a saída de si e o encontro, do que a consciência de solidão. É o que talvez estejamos presenciando: nunca as ondas do ar estiveram mais sobrecarregadas da palavra amor, em prosa e verso, imagem e som. E todos reconhecem que o grande problema que aflige o homem moderno, especialmente o homem urbano, é a solidão. Solidão sem saídas. Milhares e milhões, roçando nos outros a sua solidão.

O apóstolo Paulo escreve hoje, sobre o tema, uma carta à igreja de Corinto. Ele diz que quem não está casado não está dividido e pode cuidar melhor das coisas do Senhor. O que está casado está dividido, pois precisa cuidar das coisas do mundo. Parece uma condenação do casamento mas não é, pois é preciso

entender no contexto em que as palavras foram escritas. Paulo responde a consultas pessoais de problemas que surgiram no meio daquela igreja. Quer talvez dar uma ajuda a pessoas mais fracas e indecisas, mostrando-lhes que, além do casamento, há outra maneira de colocar-se na vida e que a única maneira de relacionamento e encontro nem de longe é o sexual. Se ele, Paulo, canalizou todos os seus interesses para a propagação do Reino de Deus, o seu ideal de vida só pode ser o celibatário, que o tornava completamente livre.

— Para que a igreja de Cristo se torne cada vez mais a voz que expressa a consciência boa da humanidade, rezemos ao Senhor.

— Para que a igreja de Cristo não se comprometa com poderes do mundo que a levem a disfarçar ou amenizar a franqueza total do evangelho, rezemos ao Senhor.

— Para que entre nós surjam muitos novos profetas da palavra de Deus que entendam o seu lugar na igreja como corresponsáveis pela pastoral, rezemos ao Senhor.

— Pelos nossos falecidos, por todos aqueles que já se foram e por quem estamos também oferecendo a Deus o sacrifício oficial da igreja, rezemos ao Senhor.

12. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Nós vos oferecemos, Senhor, tudo o que está aqui: as nossas presenças neste encontro, a nossa união fraterna, as nossas boas disposições, o pão e o vinho que vão celebrar a memória do vosso Filho. Tudo seja aceito e volte a nós como alimento que a vossa palavra despertou em nós.

13. ORAÇÃO FINAL

Senhor, nosso Deus, chegamos ao fim de mais um encontro da comunidade. Agora nos vamos separar, cada um para a sua direção. O que hoje aprendemos nos acompanhe para que os problemas que vamos enfrentar não nos distanciem da realidade do vosso Reino; ao contrário: os problemas sejam resolvidos por nós de uma maneira que torne o vosso Reino mais próximo de nós e das pessoas que nos encontram.

entender no contexto em que as palavras foram escritas. Paulo responde a consultas pessoais de problemas que surgiram no meio daquela igreja. Quer talvez dar uma ajuda a pessoas mais fracas e indecisas, mostrando-lhes que, além do casamento, há outra maneira de colocar-se na vida e que a única maneira de relacionamento e encontro nem de longe é o sexual. Se ele, Paulo, canalizou todos os seus interesses para a propagação do Reino de Deus, o seu ideal de vida só pode ser o celibatário, que o tornava completamente livre.

O que é melhor: casar ou ficar celibatário? É o tipo da questão que afligia a comunidade de Corinto. A resposta de Paulo foi dada para aquela comunidade e só para ela vale um caráter absoluto. Para nós, a questão não tem muita importância, simplesmente porque não fazemos disso uma questão. Hoje em dia, chama-se uma consciência cada vez mais clara de precário valor dos rótulos. Eu expressaria melhor assim a afirmação: Você é celibatário, logo você é bom; você é casado, logo você é menos bom; você é católico, logo você é bom; você não é católico, logo eu sou melhor do que você. Dá prá ver que este tipo de

lógica está muito longe de coincidir toda vez com a realidade. O celibatário será "bom", se a sua renúncia for um ajuste de forças para a inserção no Reino. O casado será tão "bom", se a vida familiar não for apenas propagação da espécie mas igualmente propagação do Reino de Deus e sua liberdade, dentro à família.

Hoje em dia, muitas vezes se levantam contra o estudo "celibatário" dos padres. As discussões às vezes chegam até a televisão. É preciso ter claro que o celibato é uma lei disciplinar da igreja. No dia em que ficar bem clara a consciência de que esta lei disciplinar não tem mais sentido ou está atrapalhando, será mais uma estrutura conjuntural que vai desaparecer, para dar lugar a formas mais aceitas pelo homem de hoje. É em nossa igreja de Nova Iguaçu estamos presenciando a problemas que não são exatamente os mesmos da igreja de Corinto: é com verdadeira alegria que vemos surgir em nossa área um "clero" novo, os nossos agentes de pastoral. São quase todos pais ou mães de família que, perante as exigências do apostolado, não se sentem de maneira alguma divididos. Partindo da consciência de que o que dá sentido à vida é a fé profunda e a disponibilidade para a comunidade, esses agentes, diante da escassez do clero (sinais dos tempos, revelação de Deus?), começam a assumir as responsabilidades do Reino de Deus. Deus está fazendo surgir profetas, a igreja não vai se acabar, a igreja não é o clero, a igreja é o povo de Deus.

A FOLHA

ANO I
N.º 34
28 - 1 - 73

ORGÃO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU
Tel.: 2600 Nova Iguaçu - RJ

Diagramação, Revisão, Paginação e Impressão
GRÁFICA DA COMUNIDADE DE EMAÚS
Tel.: 391-2252 - GB